

## **A DISCIPLINA “ESTUDO REGIONAL DO MARANHÃO” E OS ESCRITOS EM TORNO DELA**

**Odaléia Alves da Costa - UFPI**  
**Antônio de Pádua Carvalho Lopes - UFPI**

Este estudo é parte de uma pesquisa maior intitulada “Produção de uma disciplina escolar e os escritos em torno dela: os Estudos Sociais do Maranhão”. Neste trabalho analisamos três livros didáticos maranhenses utilizados como texto básico da disciplina “Estudos Sociais do Maranhão”.

A opção pelo livro didático se deve ao fato de que no Brasil, desde 1938, foi instituída pelo Ministério da Educação, uma Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) que estabelece condições para a produção, importação e utilização desse material. (MEC, 2005). Uma vez instituída uma comissão em nível nacional, veio o desejo de saber como isso aconteceu com os Estudos Sociais do Maranhão. Partindo dessa indagação, em conversas informais com professoras maranhenses, as mesmas comentaram existir uma carência de livros didáticos na área de Estudos Sociais do Maranhão, daí nos interessamos em investigar a produção destes materiais em torno da disciplina. Muitos destes livros didáticos surgiram em nome desse vazio de material para a disciplina.

O interesse em pesquisar o livro didático se deve ao fato de que ele é o principal e, muitas vezes, o único instrumento que chega às salas de aulas das escolas públicas, servindo como material privilegiado de consulta não apenas para alunas e alunos, mas também para professoras e professores.

Neste estudo analisaremos o livro didático cientes de que o mesmo

é uma fonte importante, quando não a única, na formação da imagem que temos do Outro. Alie-se a isto o fato do livro didático constituir-se numa autoridade, tanto em sala de aula quanto no universo letrado como um todo do aluno. É o livro didático que mostra com textos e imagens como a sociedade chegou a ser o que é, como ela se constitui e se transformou até chegar nos dias atuais. (TELLES, 1987 *apud* GRUPIONI, 2002, p.3).

As escolas maranhenses não dispunham em 1970 de muitos jornais, revistas, fotografias e documentos que possibilitassem uma pesquisa mais aprofundada sobre o Estado do Maranhão, dessa forma, o livro didático era muitas vezes a única fonte informativa sobre o Estado.

## 1 HISTÓRICO DA DISCIPLINA ESCOLAR: Estudos Sociais do Maranhão

Atualmente, nota-se a preocupação com o estudo das disciplinas escolares, no sentido de reconstituir a historiografia da educação. Nesse campo, os historiadores Marie-Madeleine Compère e André Chervel do Institut National de Recherche Pédagogique (INRP) da França, afirmam que foram os anglo-saxões que deram início às pesquisas sobre a história dos currículos e, a partir deles, chegava-se, às vezes, às disciplinas escolares.

Segundo Bittencourt (1999, p. 1),

a **história dos currículos e das disciplinas escolares** têm sido objeto de pesquisa nas últimas décadas e o interesse historiográfico sobre esta temática articula-se às indagações sobre as redefinições de políticas educacionais e problemáticas epistemológicas oriundas da denominada “crise paradigmática” dos anos 70. As décadas de 1970 e 1980 foram marcadas por políticas educacionais que, entre outras ações, cuidaram das reformulações curriculares em muitos países do mundo ocidental. Nesse processo de reformulações, **a escola e o conhecimento por ela produzido tornaram-se objeto de investigação**, buscando-se justificar ou compreender o papel e o significado de cada uma delas na definição dos novos currículos, e preocupando-se, entre outras dimensões, em identificar e apreender o conhecimento escolar por elas produzido (grifos nossos).

Os historiadores franceses, citados, têm enfatizado a importância de se pesquisar os aspectos internos da escola, para tanto, destacam a necessidade de busca por “novas fontes documentais que devem se articular a leitura dos textos oficiais aos que são produzidos pela escola, tais como planos de aula de professores, **livros** e manuais escolares, cadernos de alunos, provas e avaliações”. (BITTENCOURT, 1999, p. 2). Daí se justifica o interesse em pesquisar os livros didáticos de Estudos Sociais.

A história das disciplinas escolares é assim destacado por Chervel (1990, p. 183):

A história das disciplinas escolares não deve entretanto ser considerada como uma parte negligenciada da história do ensino que, depois de corrigida, viria a lhe acrescentar alguns capítulos. Pois não se trata somente de preencher uma lacuna na pesquisa. O que está em questão aqui é a própria concepção da história do ensino.

Especificamente, a disciplina Estudos Sociais surge na década de 1930, com o Escolanovismo. Com a Lei 4.024/61 (Diretrizes e Bases da Educação Nacional) foi

instituída como optativa nos currículos dos cursos secundários e com a Lei 5.692/71 foi oficializada como componente do núcleo comum, em substituição a História e Geografia.

Outro significativo marco da história da disciplina Estudos Sociais ocorreu durante a década de 1990, quando o Governo Federal fixou, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1997, conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de acordo com o instituído no artigo 201, da Constituição de 1988. Através dos PCNs, a disciplina Estudos Sociais foi oficialmente substituída, desta vez em nível federal, por História e Geografia. (CRUZ, 2000, p. 23).

Graças aos esforços da Associação Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História (ANPUH) e da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), no decorrer dos anos 70 do século passado tivemos o retorno da História e da Geografia para o currículo das escolas de Ensino Fundamental, bem como a extinção dos cursos de Licenciatura de Estudos Sociais.

## 2 OS LIVROS PESQUISADOS

Realizou-se a leitura seqüencial de todos os capítulos dos livros: “Pequena história do Maranhão” (1970), “Conheça o Maranhão” (1971) e “Estudo Regional do Maranhão” (1988), procurando identificar os estilos de escrita de cada autor/a e como estes/as contribuíram para a formação do conceito de Maranhão.

Para análise dos textos, utilizou-se o conceito de **representações sociais**, tal como concebe Chartier (1990). Para este autor, as representações sociais são *práticas culturais*, isto é, elas são estratégias de pensar a realidade e construí-la.

As representações sociais “não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Conforme nos adverte Chartier, as representações supõem um campo de concorrências e de competições: “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.”(1990, p. 17).

A história das representações tendeu a firmar-se como *complemento e nova orientação da história cultural*, uma vez que significou, para os herdeiros da tradição dos *Annales*, a possibilidade de integração dos atores individuais ao social e ao histórico.

## **2.1 Pequena História do Maranhão**

A obra “Pequena História do Maranhão” de Mário M. Meireles, foi editada em São Luís do Maranhão (MA) pelo Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado (SIOGE). E, através do decreto nº 1732, de 9 de setembro de 1960 assinado por Eloy Coelho Neto, governador do Estado do Maranhão, foi adotada nas Escolas Primárias do Estado do Maranhão. A primeira edição da obra é de 1959, publicada pela editora do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) do Rio de Janeiro. No ano de 1974 já contava com seis edições.

Segundo Regina Faria (2005), Mário Martins Meireles (1915-2003) é um dos fundadores da Faculdade de Filosofia de São Luís do Maranhão, como professor do Curso de História. Esta Faculdade, incorporada mais tarde à Universidade (Católica) do Maranhão, foi um dos embriões da Universidade Federal do Maranhão. Na UFMA foi Vice-Reitor Administrativo, Chefe do Departamento de História e Geociências e fundador do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica e Geográfica. Literato e historiador autodidata, publicou em vida 34 obras. Integrou várias instituições literárias: Academia Maranhense de Letras (presidindo-a de 1962 a 1966), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Recebeu o título de cidadão de Caxias (MA).

De acordo com Bastos (1970), Mário Martins Meireles é titular na Academia Maranhense de Letras, da Cadeira nº 9 de Gonçalves Dias.

O livro “Pequena História do Maranhão” (1970) é composto de quinze capítulos (apenas texto, sem imagens) onde a história do Maranhão é narrada na ordem cronológica dos acontecimentos, a começar pelo “Descobrimento do Maranhão” até “A revolução de Trinta no Maranhão”, apresentando ainda, os capítulos “A bandeira, o escudo e o hino” e “Maranhenses Ilustres”. A história é narrada priorizando os heróis do sexo masculino, europeus, brancos e cidadãos.

Meireles (1970) divide os capítulos do seu livro em três partes, a saber: texto, exercícios e questionário.

No texto, Meireles (1970) apresenta o conteúdo dos capítulos privilegiando as datas e os heróis. Nos exercícios, faz uma orientação metodológica às professoras,

sugerindo o uso de mapas geográficos, a visita ao local de fundação da cidade de São Luís, à estátua do Barão de Caxias, estátua de La Ravardière, à Igreja da Sé, dentre outros espaços.

Assim destaca o autor:

A professora aproveitará o assunto da lenda para acentuar a formação cristã de nosso povo e, quando da visita ao busto de La Ravardière, mostrar-lhes-á, na mesma Av. Pedro II, a imagem de N. S. da Vitória, padroeira da cidade por motivo do milagre de Guaxenduba, entronizada no mais alto da fachada da Catedral Metropolitana. (MEIRELES, 1970, p. 25).

Na última parte de cada capítulo, tem-se um questionário que contém em média vinte quesitos que, assim como o texto principal, valoriza os nomes dos heróis e as datas dos acontecimentos. O objetivo do questionário é fazer com que os alunos e as alunas decorem os nomes dos heróis e as datas dos acontecimentos.

Em toda a obra, Meireles (1970) faz apenas duas referências a mulheres em momentos distintos da história do Maranhão, invasão dos franceses e invasão dos holandeses.

No capítulo, “Franceses no Maranhão”, a mulher é representada através de uma lenda que conta:

No mais aceso da batalha de Guaxenduba (19 de novembro de 1614), a pólvora faltou aos portugueses que assim iriam ser derrotados. Apareceu-lhes, porém, por milagre, uma **linda mulher** que apanhava a terra do chão e, transformando-a em pólvora, dava-a aos soldados portugueses que, então, puderam continuar lutando até a vitória. Todos acreditavam que aquela linda mulher fôsse a imagem da Virgem Mãe de Jesus que descera do Céu para ajudar aos portugueses; por isso fizeram-na padroeira da cidade de São Luís, sob o nome de Nossa Senhora da Vitória. E sua imagem vê-se hoje, no mais alto da fachada de nossa Catedral, entre as duas tôres, para lembrar sempre aos maranhenses a conquista de Guaxenduba. (MEIRELES, 1970, p. 24).

Aqui, a representação feminina se dá através de uma mulher dócil, que apaziguava os conflitos. A **participação efetiva** de uma mulher na história do Maranhão, narrada por Meireles (1970), é contada por meio de uma lenda que segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Larousse é um s.f. (lat. *legenda*). 1. Narrativa em que fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela invenção poética; legenda. 2. Tradição popular. 3. *Pej.* Invenção fabulosa, mentira. (LAROUSSE, 2001, p. 597).

Apesar de o milagre realizado pela Virgem Maria (transformar terra em pólvora) ter sido decisivo para a vitória dos portugueses na Batalha de Guaxenduba para

ser considerada como verdadeiro precisa do elemento fé que não pertence a todos os sujeitos.

A outra mulher citada por Mario Meireles (1970, p. 31-32) tem um **papel secundário** quando da invasão dos holandeses no Maranhão, intercede por seu marido para que o mesmo não seja assassinado. Tem-se:

Foi Pedro Dessais, que respondeu que ele era homem de uma só palavra e que, já tendo feito juramento à bandeira de Portugal, não podia agora fazer à da Holanda. Dessais só não foi morto por essa corajosa resposta, pelos muitos pedidos de sua mulher e dos padres jesuítas.

A mulher de Pedro Dessais juntamente com os padres jesuítas, dotados de meiguice, amor, piedade e compaixão impediram a morte de um “herói” maranhense. Apesar do ato de docilidade por parte da mulher, nem sequer o nome da mesma foi mencionado. As mulheres estiveram esquecidas, ocupando papéis secundários ou como parte do imaginário popular (lendas) na escrita dos livros didáticos de Estudos Sociais do Maranhão.

## 2.2 Conheça o Maranhão

Por sua vez, o livro “Conheça o Maranhão” (1971), de autoria de Rosa Mochel Martins, da Universidade do Maranhão, fora editado no ano de 1971, na cidade de São Luís-MA, também pelo Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado (SIOGE).

Dados do Boletim nº 24 da Comissão Maranhense de Folclore (2002) nos informam que Rosa Mochel Martins (1919-1986), foi agrônoma e licenciada em geografia e história, a mesma declarou seu amor ao homem e à natureza distribuindo sementes, incentivando o artesanato, pesquisando as manifestações folclóricas, escrevendo teatro, plantando flores ou denunciando as agressões que feriam de morte a natureza. Educadora por vocação, criou metodologia própria e buscou novos instrumentos: em sala de aula, utilizando-se da arte popular, da fotografia, do artesanato e da agricultura para transmitir conhecimentos.

A autora escolheu uma forma bastante peculiar para escrever sua obra. Destacou uma palavra-chave com cada uma das letras do alfabeto e assim, vai narrando os diversos aspectos da vida econômica do Maranhão.

As palavras-chave escolhidas pela autora foram: agricultura, babaçu, costa, descobrimento, energia, frutas, Gonçalves Dias, hidrografia, Itaqui, jaborandi, lugar, mapa, novo, omissão, população, quebranto, rádio, São Luís, transporte, universidade, verdade, xisto e zona.

Dessa forma, Martins (1971) apresenta uma visão de Maranhão, centrada mais nos aspectos econômicos e culturais do que políticos. Conforme já mencionado, os capítulos são escritos a partir de uma palavra geradora e os questionários fogem ao modelo de perguntas e respostas, se aproximando mais a um instrumento de pesquisa, motivando os discentes a pesquisarem dados sobre a realidade do Estado que não constam naquele livro.

Além de textos, dispõe ainda, de imagens (desenhos) que reforçam as idéias da autora. Destaca-se o desenho de uma mulher quebradeira de coco, quando a autora fala sobre o babaçu. A mulher encontra-se sentada ao chão dentro de um cocal, de pernas cruzadas, com a cabeça amarrada com um pano, o braço direito em punho, a segurar um cacete que serve para bater fortemente no coco junto ao machado, até que o mesmo seja partido ao meio, para assim, retirar as amêndoas. A imagem é de uma mulher forte, batalhadora que agüenta o sol quente e se dispõe a realizar um trabalho tão árduo.

### **2.3 Estudo regional do Maranhão**

O terceiro livro “Estudo regional do Maranhão”(1988), de autoria do Prof. José Raimundo Lindoso Castelo Branco, foi publicado no ano de 1988 em São Paulo, pela editora FTD.

José Raimundo Lindoso Castelo Branco é natural de São João Batista, Maranhão, licenciou-se em Geografia pela Universidade Federal do Maranhão no ano de 1981, atuou como professor no Ensino Fundamental (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries) durante 7 anos, e há 21 anos exerce a docência no Ensino Médio. Foi diretor adjunto e também diretor geral do Liceu Maranhense, escola pública tradicional de São Luís-MA, que completou 167 anos de implantação no ano de 2005.

O autor, na apresentação da obra, destaca que, “alguns anos de longas leituras e pesquisas permitiram-me a iniciativa de lançar este material, mesmo porque é bastante escassa a pesquisa que envolve o estado do Maranhão como um todo, principalmente se considerarmos os aspectos geográficos e históricos em conjunto”. (CASTELO BRANCO, 1988, p.5). O livro de Meireles (1970) apresenta apenas os aspectos históricos enquanto

Martins (1971) procura mesclar história com geografia, apresentando além dos mapas, alguns conceitos, como por exemplo, o de população.

Castelo Branco (1988), divide a sua obra em quatro unidades a saber: “Aspectos gerais do Maranhão”, “Aspectos históricos do Maranhão”, “Aspectos cívicos e políticos do Maranhão” e “Aspectos humanos e econômicos do Maranhão”.

Embora o autor se proponha a tratar dos aspectos históricos e geográficos, acaba priorizando o último. Faz uso de imagens (fotografias em preto e branco) que nem sempre se apresentam legendadas ou com uma legenda incompatível ao conteúdo em questão.

Quanto aos aspectos históricos, apresenta-os cronologicamente, dando destaque à participação do homem branco europeu, seja ele português, holandês ou francês.

Quando Castelo Branco (1988), faz referência à **Invasão holandesa** encontramos o seguinte dado: “O grupo de portugueses foi crescendo, principalmente porque veio do Pará Pedro Maciel Parente (sobrinho de Bento Maciel Parente) trazendo 130 homens e 1.000 índios, e de Pernambuco chegou Koin Anderson com 770 soldados e 200 índios”. (CASTELO BRANCO, 1988, p. 30).

Percebe-se aqui, uma clara separação das raças, inclusive dentro do exército, quando diferencia-se homens e soldados de índios. Subentende-se aqui, que só eram considerados como soldados, homens de cor branca, isto é, europeus.

Quando da invasão dos “Franceses no Maranhão”, Meireles (1970), conta que no mais aceso da Batalha de Guaxenduba, apareceu Nossa Senhora da Vitória que transformou terra em pólvora, favorecendo assim, a vitória dos portugueses. Na versão de Castelo Branco (1988), não encontramos nenhuma referência a tal acontecimento.

Já na invasão dos “Holandeses no Maranhão”, Meireles (1970) e Castelo Branco (1988) contam que Pedro Dessais por se negar a prestar juramento à bandeira da Holanda, o mesmo quase fora enforcado. O primeiro autor, diz que Pedro Dessais só não fora morto por conta da intervenção de sua mulher e de padres jesuítas. O último, afirma que a atitude desse corajoso português gerou espanto e admiração entre os holandeses, que por isso lhe pouparam a vida.

Nota-se aqui duas versões antagônicas sobre um mesmo acontecimento da nossa história. No primeiro caso, fala-se suavemente da participação de uma mulher cujo nome não foi citado, mas que impede a decapitação do esposo. Na última versão, por si só Pedro Dessais consegue sua liberdade.

### 3 APRECIÇÃO FINAL

A representação do Maranhão nos referidos livros didáticos excluiu os nativos e valorizou os feitos dos europeus em nossa terra. Conforme nos alertava Chartier (1990), no campo das representações os discursos não são neutros, no nosso caso, eles legitimam uns (europeus) e menosprezam outros (maranhenses).

Nas praças e nos locais públicos lá estão os “nossos” heróis: Daniel de La Touche, Jerônimo de Albuquerque, Padre Antonio Vieira, dentre outros. O que demonstra uma abordagem histórica vinculada à história tradicional. No momento em que esses livros foram publicados tal abordagem era predominante, portanto os(a) autores(a) acabam fazendo uso da mesma.

Outro ponto que vale destacar é o fato de que as ênfases dos(a) autores(a) estão diretamente ligadas às suas formações acadêmicas. Isto é, Meireles foi um historiador autodidata, apresentando em sua obra apenas estes aspectos; Martins formou-se em Agronomia, mas também em História e Geografia, tal trajetória reflete nos seus escritos; e Castelo Branco é formado em Geografia, apesar de seu livro tratar de assuntos relacionados à História e à Geografia, acaba priorizando a última.

Apesar das professoras referirem-se a ausência de livros didáticos para o ensino de Estudos Sociais do Maranhão, percebe-se através desta pesquisa que eles foram produzidos. O que nos leva a novos questionamentos: por onde os mesmos circulavam? Eles chegavam até as escolas? Se chegaram nas escolas, as professoras tinham acesso aos mesmos? Na ausência destes, que materiais eram utilizados?

### REFERÊNCIAS

BASTOS, José Luiz. **Líderes Atuais do Maranhão**: obra biográfica. Pesquisa 1968 – Editado 1970. São Luís, MA, p. 56.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. As humanidades no ensino. In: **Educação e Pesquisa**. vol. 25, nº 2. São Paulo. July/Dec 1999.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. **Educação e Realidade**. v.20, nº 2. Jul/Dez 1995. p. 133-184.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CASTELO BRANCO, José Raimundo Lindoso. **Estudo regional do Maranhão**. São Paulo: FTD, 1988. 87 p.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: **Teoria & Educação**. 2, 1990, p. 177-229.

CRUZ, Mariléia dos Santos. **A história da disciplina Estudos Sociais a partir das representações sociais sobre o negro no livro didático: período (1981-2000)**. Dissertação (Mestrado em Educação). UNESP, Marília, 2000.

FARIA, Regina Helena Martins de. **O historiador Mário Meireles e a invenção do Maranhão**. 2005. Minuta da palestra proferida na Casa de Cultura Josué Montelo, em São Luís do Maranhão, em 18 de maio de 2005, durante a qual outras observações foram feitas, São Luís, 2005. Não publicado.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Livros didáticos e fontes de informações sobre as sociedades indígenas no Brasil**. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/humanas/educacao/tematica/cap19.html>>. Acesso em: 03 Dez 2002.

LAROUSSE, Ática. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ática, 2001.

MARTINS, Rosa Mochel. **Conheça o Maranhão**. São Luís: SIOGE, 1971. 185 p.

MEC. **Educação Fundamental**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/sef/fundamental/avaliv.shtm>>. Acesso em: 3 jul. 2005.

MEIRELES, Mário M. **Pequena História do Maranhão**. 3. ed. São Luís: SIOGE, 1970. 72 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Comissão Maranhense de Folclore. **Boletim on-line nº 24**. Dezembro de 2002. ISSN – 1516-1781.